

Governabilidade ou Declínio Brasileiro?

Por Luiza da Silva Martins (2014)

O Brasil – conhecido por sua beleza natural, clima agradável, habitantes sorridentes e um dos carnavais mais conhecidos ao redor do globo – possui uma grande complexidade quando retratados assuntos “internos”. São estes temas que trazem grande desentendimento entre os diferentes jeitos de governar, as diversas “tendências” políticas entre partidos e, principalmente, planos econômicos de governo.

Como consequência dessa complexidade nas gestões políticas, econômicas e sociais dentro do país, a sociedade se torna “cética” e estes temas já citados viram tabus – ficando claro o efeito durante épocas de eleição. Assim como a população se torna extrema em debates e protestos no quadro atual brasileiro – podendo citar as chamadas “Revoltas de Junho” (2013) como exemplo –, candidatos preferem não tocar em certos assuntos ou “esquecer” um passado não tão distante.

Como contraste de modelos políticos, os atuais candidatos à presidência do Brasil promovem campanhas apostando em divergentes focos econômicos: retomar o país à economia promissora e em alto crescimento – lembrando que fazemos parte dos integrantes de “economias-destaque” (BRICS) –, retirando o mesmo do alcance do limite da meta na taxa básica de juros e possivelmente controlando a inflação; ou continuar crescendo o país em termos sociais, ou seja, garantindo o crédito e acesso aos bens do consumidor final, assim como a existência de pequenas e microempresas – porém limitando cada vez mais a competitividade da indústria nacional em termos globais e tirando a vontade de multinacionais de aqui investirem e continuarem.

O ponto seria o foco e o balanço das verbas públicas, assim como o destino e a origem das mesmas. Com uma economia instável e em baixo crescimento, o orçamento público se torna escasso e limitado. Como manter planos de desenvolvimento e suporte social, se o mais importante – no caso o próprio capital público – não é um recurso abundante? Por base de empréstimos no Fundo Monetário Internacional (FMI)? Buscar apoio e atrair investimentos internacionais? Talvez a segunda opção fosse a mais

interessante para o país, mas a mesma não se torna tão viável com uma economia incerta – e não cumprindo as expectativas do mercado internacional.

Quando se pensa em uma visão mais macro do processo de crescimento do país como um todo, estratégias para o desenvolvimento social são profundamente importantes – como passos essenciais para um começo sendo uma sociedade fora de classes de pobreza, educação básica aceitável, saúde de qualidade e garantia/segurança dos direitos humanos universais. Para isso se tornar possível, é necessária a construção – no caso do Brasil, uma expansão e melhora, reconstrução – de uma economia autossustentável, capaz de servir como pilar de sustentação do país. Economia esta que serve como fator em respeito à “governabilidade”, ou seja, suprir necessidades de criar condições para o seu governo. Um exemplo de governabilidade seria a criação da Lei de Responsabilidade Fiscal pelo governo FHC – buscando um controle da alta inflação na época, essas medidas vieram para regulamentar os estados (nenhum estado ou prefeitura poderia gastar mais do que arrecada) e servir como apoio para que o Plano Real funcionasse.

Com base nestes pontos, é possível supor quais rumos a economia brasileira tomará e quais reações o mercado como um todo expressará. Tomando como foco o mercado financeiro, por exemplo, caso o governo atual continue no poder, o mercado cairá expressivamente e, conseqüentemente, a credibilidade do país diante à visão do investidor estrangeiro. Resultado? Ações com preços baixos e alta na taxa de juros como medida de manter o capital em mercado nacional. Caso a oposição ganhe, é possível pensar em um Banco Central (BC) mais autônomo e nem tão influentes políticas de controle de câmbio. Efeito? Ações em alta – como já apontam o mercado com base em pesquisas de resultados parciais.

A certeza das conseqüências da vitória desta eleição 2014 aparecerá apenas daqui quatro anos. Já diziam pensadores populares que a “democracia é a vontade da maioria”, logo torcemos para que o futuro do país vá de acordo com as presentes necessidades.